

O ÊXODO RURAL NOS ROMANCES *O QUINZE* E *A BAGACEIRA*

RURAL MIGRATION IN THE NOVELS O QUINZE AND A BAGACEIRA

José Aroldo da Silva*

RESUMO

O artigo trata da temática da migração rural, presente nos romances *O quinze* e *A bagaceira*, relacionada com o mundo real. Os excertos foram interpretados a partir do método dialético em associação com o método comparativo, sob o enfoque da *Teoria do romance* de Georg Lukács, sequenciada por estudiosos como Lucien Goldmann, Roger Bastide, Michel Zérafra, Fredric Jameson, Alfredo Bosi e Antonio Candido. Concluiu-se que a migração é causada pela seca e seus efeitos danosos.

Palavras-chave. Seca. Êxodo rural. Representação literária.

ABSTRACT

This paper discusses rural migration present in the novels *O quinze* by Raquel de Queiroz, and *A bagaceira* by José Américo de Almeida. The paper also compares rural migration in the novels with rural migration in real life. The novels were interpreted based on the dialectic and comparative method supported by Georg Lukács followed by experts such as Lucien Goldmann, Roger Bastide, Michel Zérafra, Fredric Jameson, Alfredo Bosi and Antonio Candido. It was concluded that the migration is caused by drought and its damaging effects.

Keywords. Drought. Rural exodus. Literary representations.

Introdução

Este estudo tematiza o êxodo rural, tendo a escolha resultado da constatação de que a população brasileira hoje é cerca de 80% urbana, com as grandes cidades inchadas pelas populações que não puderam mais ficar no campo. São milhões de brasileiros socialmente desamparados nas favelas e periferias de cidades com problemas cada vez mais agudos.

Seja em decorrência da seca, fenômeno climático que, no Brasil, assola principalmente a região Nordeste, provocando a ausência de emprego

e, conseqüentemente, a falta de geração de renda, condição necessária para manter o homem em seu meio, ou pela ausência de ações administrativas governamentais, o povo do Nordeste brasileiro tem abandonado a terra na qual nasceu, como o meio rural e pequenas cidades do interior, em busca de melhores condições de vida em outras regiões do país ou grandes centros urbanos do próprio Nordeste, durante o êxodo se transformando em retirantes/migrantes.

Essa mesma temática é constatada na literatura, a exemplo de obras como *A bagaceira*, de

* Mestre em ciências da sociedade (UEPB). <e-mail: silvaaroldo2007@ig.com.br>

José Américo de Almeida, e *O quinze*, de Raquel de Queiroz, ambos ficcionistas nordestinos, cujas obras podem ser vistas de uma perspectiva geográfica, histórica e sociológica na forma como o tema é apresentado pelos autores de um mesmo período literário e região geográfica, o Nordeste.

Trilhas Teórico-metodológicas

Teorizando o romance, Georg Lukács apresenta os conceitos de *herói problemático* e de *romance* como uma transposição do real para o campo literário, conceitos estes retomados por estudiosos como Lucien Goldmann, Michel Zéaffa, Roger Bastide e Antonio Candido, adaptados ao romance brasileiro de 1930 por Alfredo Bosi, o que serviu como fundamentação teórica para a análise dos romances *A Bagaceira* e *O quinze*, os quais contêm em sua temática o êxodo rural, tema que será estudado em sua relação com o mundo real.

Romances de tensão crítica

Ao adaptar a teoria do húngaro Georg Lukács ao romance brasileiro de 1930, em seu livro *História concisa da literatura brasileira*, o crítico literário Alfredo Bosi considera os romances, a exemplo de *A bagaceira* e *O quinze*, como romances de tensão crítica, reconhecendo que estes abordam temáticas em que aparecem problemáticas vividas pela população e que são expressas pelos autores neste tipo de obra.

Alfredo Bosi sugere, como hipótese de trabalho, que se estudem os romances da literatura de 1930 observando a tensão entre o escritor e a sociedade, uma vez que uma escolha em “torno dos tipos romance social, regional/romance psicológico” não é suficiente para dar conta das diferenças internas que distanciam romancistas situados em um mesmo período literário. Bosi argumenta que

Para apanhar essas diferenças talvez dê melhor fruto, como hipótese de trabalho, a formulação que Lucien Goldmann propôs para a gênese da obra narrativa no seu *Pour une sociologie du roman*. [...] O seu dado inicial é a tensão entre o escritor e a sociedade. Pressupõe Goldmann – e com ele toda a crítica dialética – a existência de homologias entre a estrutura da obra literária e a estrutura social, e, mesmo, grupal, em que se insere o seu autor. (BOSI, 1996, p. 390-91).

O que fica evidente na citação de Bosi é a relação entre a estrutura da obra literária e a estrutura da sociedade de um determinado período histórico e literário, relação essa que ele caracteriza como *homologia*, ou seja, uma equivalência entre os fatos do cotidiano utilizados pelo autor como fonte para a criação da obra literária.

O que se vê nos romances que, segundo Bosi (1996), atingem o nível de tensão crítica é a preocupação do autor em criar dentro de uma temática - como o êxodo rural, que engloba a seca, a falta de geração de trabalho e renda - personagens que possam veicular a indignação com uma situação social que interfere no bom funcionamento da sociedade. Bosi explica estes romances de tensão crítica como sendo romances em que “o herói se opõe e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas o seu mal-estar permanente” (BOSI, 1996, p. 392).

O período compreendido entre 1930 e 1945 é representativo de uma literatura de fundo social, impregnada de uma visão crítica das relações sociais - literatura esta que vai transmitir, por meio dos romances, as mazelas que acometem a sociedade. Bosi explica que

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica mais profunda. (Bosi, 1996, p. 393).

Ao alcançarem o nível de tensão crítica, os romances de fundo social têm o poder de, formulando ou não ideologias explícitas, levar ao conhecimento da sociedade as problemáticas enfrentadas pela população, manifestadas por meio de personagens do mundo ficcional, criados à semelhança dos homens do mundo real. É na sociedade que o romancista busca subsídios para construir a trama de um romance, recorrendo às temáticas presentes no cotidiano social: “O romancista analisa os dados sociais, interpreta-os, esforça-se para determinar os seus aspectos essenciais, para, em seguida, os transformar em escrita” (ZÉRAFFA, 1974, p. 14).

Para Zéaffa, “uma obra de arte é reveladora do real pela sua natureza formal” (ZÉRAFFA,

1974, p. 17), proporcionalmente mesmo aos artifícios utilizados para constitui-la. *O quinze e A bagaceira* são romances de fundo social, que revelam uma realidade do Nordeste brasileiro, o êxodo rural decorrente de fatores como a seca e a ausência de políticas governamentais para o campo, que tenham como objetivo a geração de trabalho e renda, que proporcionem a sobrevivência material do sertanejo. Sabe-se que ninguém desconhece esta realidade, mas falta vontade política para solucionar o problema, o que foi uma constante no Brasil desde o início da colonização.

Portanto, para se analisar os romances de tensão crítica é pertinente seguir a sugestão dada por Bosi como uma hipótese de trabalho que admite como dado inicial a tensão entre o autor e a sociedade.

Relação da obra literária com a vida coletiva da sociedade

Discutir a relação da arte com a sociedade é o que faz Roger Bastide em seu livro *Arte e sociedade*. Falando dessa relação, o estudioso francês, que se baseia na teoria lukacsiana, afirma que

[...] a arte não é um simples jogo individual sem consequência [...] agindo sobre a vida coletiva pode transformar o destino das sociedades [...] deve-se examinar igualmente se a recíproca não é verdadeira, se a arte não é também um produto da vida coletiva e se o seu destino não está em função do destino das sociedades. (BASTIDE, 1971, p. 3).

Ao se trabalharem obras de fundo social como *A bagaceira* e *O quinze*, faz-se necessário que se desenvolva uma preocupação com relação à temática abordada em tais obras, ou seja, a relação do que está no mundo ficcional com o que se encontra no mundo real. Afirma Bastide:

Eu queria mostrar a relação que existe entre a literatura e as instituições de cada século e de cada país; esse trabalho ainda não foi feito em nenhum livro conhecido. E ainda: nas suas origens a arte é coletiva e não individual, exprime o gênio do povo, a raça, e não o esforço pessoal. (BASTIDE, 1971, p. 12).

Bastide (1971, p. 13) vai mais adiante com seus argumentos em defesa da relação entre a arte

e os fatos políticos, econômicos, sociais, históricos, morais e religiosos de uma sociedade quando expõe que “O artista só pode criar quando, de alguma maneira, se encontra possuído do entusiasmo e da fé coletiva. Não há criação individual sem um prévio preparo social e popular.” (BASTIDE, 1971, p. 13).

Prosseguindo com a argumentação em defesa da relação da obra ficcional com o meio no qual é produzida, traz-se para a discussão a afirmação de Goldmann, que apresenta a forma romanesca como uma crônica social:

No fundo, sendo o romance, durante toda a primeira parte da sua história, uma biografia e uma crônica social, sempre foi possível mostrar que a crônica social refletia, mais ou menos, a sociedade da época, e para fazer essa verificação, francamente não é preciso ser sociólogo. (GOLDMANN, 1988, p. 14).

A afirmação de Lucien Goldmann só vem ratificar a relação do homem com o universo do qual é parte. Não se pode produzir arte do nada. É necessário que se possua um conhecimento prévio do ambiente real que se quer transpor para o mundo ficcional.

Atualização da teoria lukacsiana

É evidente que, ao longo dos anos, amplamente estudada e discutida, a teoria lukacsiana mostrou seus pontos negativos e positivos para os estudiosos, requerendo para a sua aplicação um estudo criterioso, tomando por base os escritos daqueles que, na atualidade, preocupam-se em questionar o que foi enunciado por Lukács, passando-o por um processo de atualização.

Como se realiza a atualização? Goldmann, um estudioso da obra de Lukács, suscitou a questão de como efetuar a atualização dos filósofos do passado, a atualização de um pensamento filosófico ou uma teoria, afirmando que

Holtz explicou-nos com razão ser necessário ler os filósofos não simplesmente como fatos históricos ultrapassados, que desejamos estudar a fim de conhecermos o que ocorreu a [sic] cem ou há mil anos, mas sim atualizando-os. Eu respondi-lhe então que concordava sobre esse ponto, mas o problema fundamental era o de saber como fazer essa atualização. (GOLDMANN, 1972, p. 101).

E continua Goldmann,

A atualização de um filósofo, ou de um pensamento filosófico, supõe a compreensão total de como ele foi, com seus diversos elementos positivos, sua coerência interna e seu desenvolvimento no interior de uma realidade social, para ver como, a partir daí, determinados elementos ainda podem responder aos nossos problemas. (GOLDMANN, 1972, p. 101).

Determinados elementos da teoria lukacsiana ainda podem responder aos problemas propostos pela análise a que se aspira fazer no *corpus* selecionado para o estudo da temática do êxodo rural contida nos enredos desses romances. Relacionado com o êxodo rural do mundo real que se quer atualizar, recorre-se às contribuições que Fredric Jameson, estudioso norte-americano do legado deixado pelo teórico húngaro da sociologia do romance, deu à teoria lukacsiana no que se refere à interpretação da narrativa ficcional, considerada como ato socialmente simbólico, registrado em *O inconsciente político: A narrativa como ato socialmente simbólico*.

Fredric Jameson é considerado a figura central da crítica literária marxista nos Estados Unidos. Autor de obras tais como *Postmodern or The cultural logic of late capitalism: Marxism and form (Pós-modernismo: A lógica do capitalismo tardio - Marxismo e forma)*, e escreveu também *The political uncounscios: Narrative as socially symbolic act (O inconsciente político: A narrativa como ato socialmente simbólico)*, livro no qual defende a historicidade da narrativa, que segundo ele deve ser reencontrada a partir de um inconsciente político.

No que diz respeito à interpretação política da narrativa amparada no reconhecimento de um inconsciente político, a argumentação de Jameson atualiza a teoria lukacsiana, uma vez que amplia a análise do romance da perspectiva da existência de um herói problemático, o qual trava uma luta individualista por valores autênticos em uma sociedade degradada, para um projeto de salvação, que parte de uma busca coletiva com o indivíduo reconhecendo que, na verdade, tudo, em última análise, é político: “A defesa de um inconsciente político propõe que compreendamos justamente essa última análise final e exploremos os múltiplos caminhos que conduzem à revelação dos artefatos culturais como atos socialmente simbólicos” (JAMESON, 1992, p. 18).

A interpretação política proposta por Fredric Jameson parte do princípio de que o homem faz parte de uma única grande história coletiva, a história da luta de classes. O inconsciente político, que Jameson defende como necessário para a explicação da narrativa, só encontra sua função e sua necessidade quando se detectam os traços dessa narrativa ininterrupta, ou seja, quando há uma conscientização de que a sociedade é o palco para a luta de classes, nela aparece o confronto entre opressor e oprimido.

Narrativa e vida cotidiana

Ao se perceber a relação entre a forma romanesca e a cotidianidade da sociedade, constatou-se a possibilidade de relacionar o êxodo rural da ficção – nos romances *O quinze* e *A bagaceira* – com o êxodo rural presente no mundo real partindo do princípio de que o fenômeno climático da estiagem e a falta de políticas públicas capazes de manter o homem do campo em seu meio vêm expulsando o camponês da zona rural para outras regiões – que não seja o semiárido nordestino – ou para os centros urbanos, embora isso não possa ser considerado mera criação da inventividade de romancistas como Raquel de Queiroz e José Américo de Almeida.

Nas páginas dos romances *O quinze* e *A bagaceira* podem ser encontrados relatos de secas e, conseqüentemente, de migração rural. A narrativa do período compreendido entre 1930 e 1945, considerada literatura engajada, literatura de denúncia social, recorre à temática da seca presente no mundo real e a transpõe para o mundo ficcional, certamente com o objetivo - objetivo aparente – de fazer com que se tomasse conhecimento de que o povo que vive na região Nordeste do Brasil merece a mesma atenção de brasileiros que habitam as demais regiões do país. A obra considerada como romance social cumpre o objetivo de denunciar que o sertanejo sofre os efeitos danosos da seca de modo indiscriminado:

Foi quando veio o rebentão de 77. Meu mano foi mais sabido: vendo a coisa preta, torrou tudo nos cobres, até o casco da fazenda. E saiu por este mundão com toda a rafameia. Também levou um sumiço. – Eu já ia levantando a cabeça, quando apertou 88 [a seca ocorrida no ano de 1888]. Alguma chuva era só para apagar a poeira. Chuvas salteadas. (ALMEIDA, 1968, p. 22).

A seca é o referente para a produção de enredos romanescos e, fazendo parte da cultura do Nordeste, integra-se de tal modo à realidade da região que o povo se familiariza com ela. Por isso, o que se assimila dos romances em estudo induz o pesquisador a dizer que a ficção, em sintonia com o mundo real, é a representação do que a seca provoca como desemprego e tantos outros males, culminando tudo com a migração.

Não importa se nos anos de 1877-79, 1915, 1932, 1979-84 ou 1999, 2001 e 2002, a seca prossegue castigando impiedosamente a população do semiárido nordestino, sendo registrada em jornais diários, documentos governamentais, revistas científicas e páginas de romances. Especificamente quanto ao ano de 2002, a matéria “Seca leva 100 municípios a decretarem estado de calamidade”, publicação do *Correio da Paraíba*, do dia 25 de agosto de 2002, faz o seguinte relato:

Em alguns municípios atingidos pela seca nos últimos meses as famílias conseguiram plantar, mas perderam a safra por causa da estiagem. As famílias não conseguiram colher a safra e não tiveram a possibilidade de acumular água para consumo humano e dos animais nos meses de estiagem. (SECA LEVA).

As estiagens permanentes no Nordeste brasileiro são uma realidade. Com o flagelo da seca, vem a perda da safra, a falta de ocupação no campo, o êxodo, a fome e a miséria. A migração rural presente em obras ficcionais tais como *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *O quinze*, de Raquel de Queiroz, é passível de análise e interpretação, ou seja, é possível ao pesquisador estudar o fenômeno em questão – o êxodo rural – objetivando compará-lo com o êxodo rural presente no mundo real. Ainda que se saiba que a literatura de ficção não seja ciência, tem-se no texto ficcional, principalmente em obras regionalistas, uma projeção de vestígios característicos da realidade que são apreendidos pelo leitor.

Considerações Finais

Relacionar o mundo ficcional criado em *A bagaceira* e *O quinze* com o mundo real, tomando-se por base a concepção de que a obra de arte é a transposição do cotidiano da sociedade para a ficção,

constituindo-se em uma representação da realidade, é, pois, o problema que se propôs nesta pesquisa.

A seca serviu de referente aos romancistas José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz, que nas obras analisadas mostram a conexão entre ficção e realidade, constatando-se que as estiagens do mundo real aparecem representadas nas narrativas dos romances, de onde se conclui que a seca não é mera criação da imaginação dos autores de ficção. O êxodo rural, causado pela seca, é narrado, também, nos romances, caracterizando-se como uma representação do real, como quer Georg Lukács em sua *Teoria do romance*, em que afirma ser a obra de arte uma visão de mundo do seu autor.

Referências

- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1971.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: DIFEL, 1972.
- _____. **A sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JAMESON, Fredric. **O inconsciente político: a narrativa como um ato socialmente simbólico**. São Paulo: Ática, 1992.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.
- QUEIROZ, Raquel de. **O quinze**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- SECA leva 100 municípios a decretar estado de calamidade. *Correio da Paraíba*. Campina Grande, 25 ago. 2002.
- ZÉRAFFA, Michel. **Romance e sociedade**. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

Recebido para publicação: 20/08/2011

Aceito para publicação: 10/05/2012